

O agronegócio é o seguinte

Mais próximo do Primeiro Mundo

O AGRONEGÓCIO brasileiro mostra a sua competitividade a ponto de bater, em 2006, pelo sexto ano consecutivo, recorde na exportação e no saldo da balança comercial. As exportações tiveram como destino mais de 215 países, um sinal claro de que a cultura de exportar fica cada vez mais consolidada entre as cadeias produtivas. O saldo comercial representou 91% do obtido pelo País. São números exuberantes.

Grande esteio da economia nacional, o setor convive com uma taxa de risco elevada. Não existe no planeta nenhum país com a magnitude da agricultura brasileira em situação tão complicada. Como a atividade passa por movimentos cíclicos em função de tecnologia, mercado, câmbio, juros, desastres climáticos e sanitários, dentre outros, cabem medidas para minimizar seus efeitos.

Do ponto de vista do risco de mercado, a evolução dos contratos futuros na Bolsa de Mercadorias & Futuros em 2006, seja em termos da quantidade negociada como no seu valor é uma boa notícia. Isso faz parte de um processo lento de mudança cultural no início, mas com a tendência de velocidade crescente ao longo do tempo. O mais importante é que dificilmente enfrentaremos retrocesso, pois os beneficiários desses instrumentos tomaram consciência de como melhoram a gestão da propriedade.

Quando se passa a abordagem para o risco da produção por doenças, pragas e adversidades climáticas, o caminho a ser perseguido ainda é longo. Em 2004, as grandes estiagens frustraram a renda de milhares de agricultores e provocaram perdas de R\$ 10 bilhões, segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Sem seguro agrícola, uma ferramenta vital para garantir a vida econômica do campo, a produção amargou um enorme prejuízo, que se alastrou pelas cadeias produtivas. Dois anos depois, muitas regiões ainda não superaram as seqüelas deixadas por essa crise.

Nos Estados Unidos, o seguro rural está próximo de completar 70 anos. A sua capacidade de cobertura de sinistros chega a US\$ 40 bilhões, com uma arrecadação

inferior a 15% desse valor. Estão cobertos quase 90 milhões de hectares. Na Europa, a Espanha é o modelo da aplicação de uma política de seguro agrícola de grande eficácia. Até mesmo países da América Latina poderiam ser citados, como Colômbia, Chile e El Salvador.

No Brasil, o seguro rural começa a deslanchar. O momento, portanto, é propício para oferecer ao leitor mais informações sobre esse importante instrumento. Nesta edição, **Agroanalysis** traz um caderno especial produzido em parceria com a Aliança Seguradora, com muita informação e análise.

A constituição de um Fundo de Catástrofe continua a ser uma grande prioridade, pois dá sustentabilidade ao sistema nos momentos mais críticos de alta incidência de sinistros. O aporte de recursos anuais com o apoio do governo é vital para a viabilização de uma política de seguro agrícola no País.

É claro que, a luta por recursos públicos, com oferta limitada diante das demandas existentes, deve ser contínua. As lideranças do agronegócio devem mostrar para a sociedade o retorno das aplicações das verbas para aumentar a competitividade da produção agropecuária. Se existiram os custos dos subsídios concedidos ao setor durante 1998 a 2005, por conta de repactuação das dívidas com a securitização, Pesa e Recoop, os seus benefícios em termos da segurança alimentar familiar interna e na geração de divisas foram bem maiores. Isso é o que vale.

Com um céu azul de brigadeiro pela frente, a citricultura nacional deve preparar a sua agenda para os próximos anos, de modo a se capacitar e aproveitar as oportunidades que vem por aí. Já na cadeia sucroalcooleira, em fase de grande expansão, o desafio é como atravessar o período de entressafra sem choque no abastecimento de álcool. Em princípio, não há razões para grandes preocupações, ao contrário do que ocorreu no ano passado. Porém, como se trata de um produto estratégico e sensível, é natural ocorrerem ondas especulativas.

Feliz 2007 para todos. ■